

**DE SEDUTOR A SEDUZIDO:  
O CASO DE UM HERÓI  
QUE FOI ENCURRALADO PELAS RECATEGORIZAÇÕES**

*Rossana Martins Furtado Leite (UFES)*  
[rossanafurtado@hotmail.com](mailto:rossanafurtado@hotmail.com)

**RESUMO**

Este artigo pretende analisar como a categorização e recategorização de objetos de discurso dentro do gênero textual música são realizadas durante a progressão textual e como os frames e estereótipos construídos na memória discursiva dão suporte para a inferência e produção de sentido. O percurso adotado recorrerá à questão da referência sociocognitiva interacionista e de como os referentes e suas cadeias referenciais fornecem sentido ao texto. Para tal, vamos contextualizar rapidamente sobre a linguística textual, linha de pesquisa da qual utilizamos, e qual os caminhos a que têm chegado atualmente; discorreremos sobre seus conceitos fundamentais, dando ênfase aos que nos interessa para este estudo. O *corpus* selecionado foi a música Homem-Aranha, de Jorge Vercilo.

**Palavras-chave:** Linguística textual. Recategorização. Cadeia referencial. Estereotipia.

**1. Introdução**

Esta pesquisa se constitui no intuito de compreender como a recategorização dos objetos de discurso formando as cadeias referenciais se torna bastante interessante no gênero textual música. Pautamo-nos nos estudos da referência dentro da linguística textual que se dedicam, especialmente, a entender como o conhecimento de mundo é ativado para a construção de sentido e como a memória discursiva, os frames e estereótipos podem influenciar todo esse processo.

Historicamente, a questão da referência foi, e ainda é para muitos estudiosos, como salienta Marcuschi (2006), tratada como representação do real, em termos de verdade e correspondência. Sob esta ótica, o processo de referência é tomado como uma extensão da relação indivíduo-

mundo, e os referentes chamados de objetos-do-mundo. A concepção de linguagem nesta tradição é tida como transparente e referencialista. (MARCUSCHI, 2006, p. 7)

Porém, ultrapassando essa fronteira, devemos entender a língua como atividade. Koch & Marcuschi (*apud* KOCH, 2002, p. 31) defendem que “a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de reconstrução do real”. Nós concebemos os referentes de acordo com nossa percepção de mundo reforçada pela linguagem, e vão sendo construídos durante a atividade discursiva e, por isso, são chamados de *objetos de discurso*. “É na dimensão da percepção/cognição que se fabricam os referentes, os quais, embora destituídos de estatuto linguístico, vão condicionar o evento semântico” (BLIKSTEIN, *apud* KOCH 2006, p.78).

É necessário entender a transposição do termo referência, como significado linguístico intradiscursivo, para referenciação, no qual o texto é pensado como atividade discursiva, que se estabelece no tempo, no espaço e em uma relação interdiscursiva.

A língua não existe fora dos sujeitos sociais que a utilizam e nem fora dos eventos discursivos, nos quais os sujeitos mobilizam suas percepções de mundo e saberes de ordem linguística e de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo para interagir com seus interlocutores. Daí a concepção da linguística textual sociocognitiva interacional, que engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal (KOCH, 2006, p. 24).

A língua não é livre, não se dá por ela mesma, ela se constrói a partir da situação de comunicação, da interatividade entre os locutores e da inferência que estes fazem dos objetos de discurso propostos no evento comunicativo a partir de suas experiências tanto de mundo quanto das discursivas. Para se construir cadeias referenciais, a utilização de frames e, conseqüentemente, de estereótipos, são recursos interessantes, principalmente em se tratando do gênero música, que tem uma divulgação maior pelo seu modo de veiculação.

## 2. *A produção de sentidos*

O objeto de estudo fundamental da linguística textual é o texto, que é complexo por natureza, pois dele emerge a interação social, marcada pela cultura e pela cognição; é o instrumento que o locutor tem de se posicionar e de se comunicar na sociedade, deixando entrever sua maneira de olhar e se relacionar *no* e *pelo* mundo. Dada essa complexidade, Koch (2002, 2006) nos mostra que “torna-se, assim, cada vez mais um domínio multi e transdisciplinar, em que se busca compreender e explicar essa entidade multifacetada que é o texto, fruto de um complexo processo de interação e construção social do conhecimento e da linguagem”.

Tomando emprestado o conceito de cenas de enunciação de Dominique Maingueneau (2008, 2013), podemos supor que a enunciação é uma cena, na qual os interlocutores (atores), no ato da “encenação”, vão dialogando e construindo sentido à medida que vão inferindo significação de acordo com seus saberes, suas culturas, seus conhecimentos enciclopédicos e suas relações sociocognitivas. A enunciação não pode ser vista como um monólogo, um ato isolado de um enunciador solitário, pois daí não se produziria comunicação.

Nenhum ato de comunicação é totalmente explícito, necessitando que seus interlocutores ativem inúmeros conhecimentos para dar conta de toda a carga informacional que é colocada no enunciado. Salomão (1993, p. 74) se apoia na hipótese sociocognitiva da linguagem, em que a capacidade humana para a linguagem possibilita “a produção de infinitas representações, através das quais os sujeitos se conhecem e se dão a conhecer, ajustam a situação em que se encontram a conhecimentos previamente acumulados e criam novos conhecimentos”.

Ainda com Salomão, o enunciador, ao construir seu texto, vai deixando “pistas linguísticas explicitadas no contexto como meras trilhas, meras instruções, complementadas e complexificadas por outros aspectos extralinguísticos”. Com essas pistas, o interlocutor vai inferindo, através do saber partilhado, o sentido proposto pelo enunciador ao categorizar e recategorizar os objetos de discurso. Estes, como dito anteriormente, não podem ser confundidos com a realidade extralinguística, mas a reconstrói no próprio processo de interação, através da forma como interagimos *no* e *com* o mundo.

Como é o locutor quem escolhe com quais categorias vai operar em seu texto para designar o que quer dizer, podemos considerar que há, em seu processo discursivo, uma apreensão e compreensão da realidade

que é subjetiva e derivada de suas condições histórico-sociais. Podemos aqui citar uma célebre de Saussure (1929) na qual ele diz “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, é o ponto de vista que precede o objeto”. É na referenciação que se aciona e modifica a memória discursiva dos interlocutores, bem como se permite a identificação de diferentes pontos de vista.

Segundo Marcuschi (2007, p. 86), dizemos que as coisas não são como elas estão realmente no mundo, uma vez que o mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo e de um agir discursivo, e não uma representação concreta da realidade.

O discurso se realiza, de acordo com Koch (2002, p. 31), na materialidade linguística, operando sobre o material que tem a sua disposição para concretizar o seu projeto de dizer. “Uma vez produzidos, os conteúdos implícitos são integrados à memória discursiva, juntamente com os conteúdos linguisticamente validados, sendo, por isso, suscetíveis de anaforização (cf. REICHELES-BÉGUELIN, 1988)”.

O objeto de discurso não é visto pelo interlocutor apenas pela forma com que o locutor o apresenta, mas, principalmente, pela maneira como este o percebe de acordo com suas crenças, cultura, conhecimentos enciclopédicos etc.

A realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio do entorno físico, social e cultural (KOCH, 2006, p. 61).

O sujeito cognitivo, então, interage indiretamente com o mundo a partir de suas atividades sociais construindo categorias que se adaptam à situação de interação a partir de inferências. Estas categorias podem assumir sentidos diferentes, sendo reavaliadas dentro do contexto em que se encontram.

Para exemplificar, vejamos três exemplos nos quais foi usada a mesma categoria “mão”:

- (1) Oswaldo quebrou a *mão*.
- (2) Esse novo aparelho é uma *mão* na roda.
- (3) Meus colegas me deram uma *mão* para compreender a matéria.

Fica claro nestes exemplos que, para o entendimento do objeto de discurso, é preciso atentarmos para qual contexto o objeto de discurso está inserido, para daí conseguirmos inferir o sentido dado a ele.

De acordo com Koch (2006, p. 53), estudos recentes em ciência cognitiva têm mostrado que a formação de categorias depende das nossas capacidades perceptuais e motoras e que a forma como percebemos e nos relacionamos com os referentes é fundamental para o desenvolvimento de conceitos abstratos para eles. Acrescenta Mondada & Dubois (*apud* KOCH, 2006, p. 54) “que é necessário considerar a referência aos objetos no seio de uma concepção geral dos processos de categorização discursiva e cognitiva tal como são considerados nas práticas situadas dos sujeitos”.

A construção de categorias, então, é um processo que se dá mediante uma prática social, na qual os sujeitos vão compartilhando conhecimentos e experiências a fim de atribuírem coerência ao texto utilizando-se de categorias socialmente compartilhadas. Como é o exemplo do corpus analisado, em que os objetos de discurso, por meio da referência, nos remetem ao que, sociocognitivamente, é relacionado ao campo lexical de *super-herói* e de *marido*, construindo, assim, duas cadeias referenciais relacionadas a estes dois campos referidos.

Grosso modo, como assinala Marcuschi (2006, p. 19) pode-se dizer que a referência providencia pistas sugestivas para a produção de sentido e a coerência é o aproveitamento dessas sugestões para elaboração de sentidos específicos em modelos representacionais.

A produção de sentido do texto, então, é uma construção a partir da memória compartilhada, em que o referente vai sendo (re)construído pelas seleções feitas e pela inferência através do conhecimento de mundo, da memória discursiva e dos suscetíveis estágios pelos quais o referente vai se fundamentando e recategorizando, em sua maioria, através de anáforas.

### 3. *O processo de referência*

A referência e a progressão textual vão corroborar para a categorização e a recategorização dos objetos de discurso, que são dinâmicos e introduzidos à medida que o texto “acontece”. Depois de introduzidos, podem ser manipulados pelo enunciador construindo sua significação e, assim, produzem sentido.

É no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos, transformados os objetos de discurso que não lhe preexistem e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva” (MONDADA, 1994, *apud* MARCUSCHI, 2006, p. 13).

A forma como o locutor interage com o mundo vai definir de que maneira este objeto de discurso vai ser introduzido e com quais estratégias vai reconstruir a realidade extralinguística no interior de seu texto. Os objetos de discurso, então, são concebidos de acordo com essa percepção de mundo e (re)categorizados mediante as escolhas do enunciador. E, como o processo discursivo pressupõe uma interação, o locutor precisa considerar que a compreensão ou inferência desse processo pelo interlocutor também depende de como este vê o mundo e de como se relaciona com as pistas enunciativas na interação.

Segundo Koch & Elias (2006, p. 125-126), são três estratégias que temos à disposição para o processo de progressão referencial: i) introdução (construção): quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido e colocado em foco; ii) retomada (manutenção): um “objeto” já introduzido é retomado e mantido em foco; iii) desfocalização: quando um novo objeto de discurso é introduzido colocando o outro em estado de ativação parcial, podendo ser retomado quando necessário. Estas estratégias são produzidas e reproduzidas diversas vezes ao longo do texto, de modo a construir e reconstruir os objetos de discurso.

Dessa maneira, “endereços” ou nódulos cognitivos já existentes podem ser, a todo momento modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente (KOCH, 2002, p. 32).

### **3.1. Categorização, recategorização e cadeia referencial**

Koch & Marcuschi (1998) traz à baila que “os objetos de discurso não preexistem ao discurso como tal, mas são construídos no seu interior. São estes objetos que os itens lexicais vão designar e não algo que esteja fora da mente [...]”. Uma vez criado um objeto de discurso, este pode ser retomado (recategorizado ou não) ou pode haver uma simples remissão a ele. Desta forma permanece em foco, originando uma cadeia referencial através de estratégias elaboradas que permitem a progressão referencial. Pode, também, ser introduzido um novo objeto de discurso que assume o foco criando uma nova “cadeia”. O “objeto” que foi desativado

pode ser reativado quando necessário e voltar a assumir destaque no texto.

A introdução ou ativação de um objeto de discurso pode ser “não ancorada”, quando um objeto totalmente novo é introduzido na memória discursiva passando a ter um “endereço cognitivo” na memória do interlocutor; ou “ancorada”, que embora seja um referente novo, contém algum tipo de associação com elementos do cotexto ou do contexto socio-cognitivo, ou seja, uma âncora que dará base para ser interpretado, segundo Koch & Elias (2006, p. 127).

São os casos das anáforas associativas e anáforas indiretas. As associativas introduzem um referente novo “por meio da exploração de relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma, *ingrediente* do outro” (KOCH & ELIAS, 2006, p. 128). Já nas indiretas, exige-se uma interpretação mais complexa, na qual o interlocutor precisa inferir, a partir do contexto e com base em seu conhecimento de mundo, qual o objeto de discurso anaforizado.

A retomada é o processo responsável por manter o objeto de discurso em foco, recategorizando-o ou não, no processo discursivo dando origem às cadeias referenciais ou coesivas. Pode ser realizada por recursos de ordem gramatical (pronomes, numerais, elipses, advérbios etc.), ou de ordem lexical (hiperônimos, sinônimos, expressões nominais etc.). Koch & Elias (2006, p. 131), ainda reiteram que as retomadas são responsáveis pela progressão referencial do texto.

Em textos narrativos é comum a alternância de focalização de objetos de discurso que se alternam no decorrer da narrativa, sugerindo uma certa instabilidade, porém ficam sempre em ativação parcial, podendo ser retomados a qualquer momento garantindo a progressão textual.

[...] em se tratando da materialidade textual, o traço da instabilidade pode ser verificado no movimento próprio da atividade referencial, visto que o referente, pelas predicções que lhe são atribuídas, se modifica no curso da progressão textual e, ainda que seja repetido, cada repetição é única no quadro enunciativo e carregada de nova significação, no quadro geral da constituição do discurso, essa instabilidade é indicadora da concepção segundo a qual os referentes não existem no mundo tal qual os expressamos, nem a língua serve apenas à etiquetagem do que no mundo existe como se se tratasse de categorias de ordem natural. Os referentes e as categorizações constituídas resultam de práticas sócio-histórico-culturais marcadas pela intersubjetividade. (ELIAS, 2010)

É importante ressaltar que o locutor tem uma gama de alternativas para designar, retomar e recategorizar os objetos de discursos, mas precisa atentar que a significação depreendida pelo interlocutor “será sempre e essencialmente contextualizada”. Assim, as palavras podem adquirir diferentes significados dependendo de como são tratadas no texto. “Isto significa que um estado ontológico é substituído por um estado discursivo no caso de designações referenciais” (KOCH & MARCUSCHI, 1998).

Outro conceito importante para nossa pesquisa é o de “referente evolutivo”, postulado por Koch e Marcuschi (1998), em que o objeto de discurso sofre, *ao longo do texto, uma ou mais modificações na predicação*. A utilização de formas nominais anafóricas recategorizadoras homologam “num único item lexical uma série de elementos que o objeto foi recebendo ao longo do discurso”. Dessa maneira, a construção das cadeias referenciais se torna mais aparente pela relação entre a cognição, a interação e o léxico.

As cadeias referenciais, então, são construídas por uma sequência de objetos de discurso inseridos no texto, ou pela recategorização de um mesmo objeto de discurso, pertencentes a um mesmo frame, ou seja, a um mesmo espaço na memória discursiva e sociocultural dos interlocutores.

Koch & Marcuschi (1998, p. 170) sinaliza como a progressão textual está imbricada com a noção de cadeia referencial:

Progressão referencial diz respeito à introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às estratégias de designação de referentes e formando o que se pode denominar *cadeia referencial*. A progressão referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso (grifo nosso).

Portanto, todos os processos de referenciação – introdução, categorização, retomada, recategorização, desfocalização, ativação entre outros – realizados no curso do texto vão conduzir o interlocutor a construir sentido numa relação sociocognitiva interacional. Os conhecimentos compartilhados precisam ser ativados seja por inferência no cotexto ou no contexto, seja por *evocar um conjunto de propriedades, relações ou associações (frames, cenários, enquadres)*, como afirma Marcuschi (2006, p. 11): *ao termos de acessar o mundo pelo discurso, é do discurso que partimos e não do mundo como tal*.

### 3.2. Frame, prototipicidade e estereotipia

Fillmore (1982) (*apud* MORATO, 2010, p. 94) se refere a frame como esquemas de conhecimento ou padrões prototípicos e estereotípicos; Já Van Dijk (*apud* LINS 2008, p. 37) considera frames como informações semânticas gerais guardadas na memória, E aponta para a possibilidade de também considerar os contextos sociais como objetos que podem ser organizados por certa estrutura de frames sociais.

A própria autora demarca que “são, pois, essas noções que explicam como as pessoas partilham conhecimento de modo a produzir sentido sobre o mundo” (LINS, 2008, p. 22). Dessa forma, é possível que os interlocutores possam inferir sentidos ativando na memória social comportamentos típicos de determinadas situações já configuradas na memória social dos interlocutores. Lembrando que o fator cultural é de extrema importância para a ativação de frames: quando se pensa em festa de casamento na sociedade brasileira, vêm à tona uma série de fatores, como uma festa regrada à comida e bebida, animação, dança, crianças pequenas entrando como damas-de-honra, enfim, muita diversão; já para a sociedade estadunidense, por outro lado, aparecem na memória todos sentados, bem comportados, padrinhos fazendo discursos, as melhores amigas da noiva como damas-de-honra, portanto, uma situação mais acalmada.

Tendo todo este contexto sociocultural como relevante e sabendo que o produtor do texto precisa escolher os objetos de discurso direcionando seu interlocutor para a apreensão de sentido do que se quer dizer, podemos nos tomar como relevante esta postulação:

Para que o leitor possa ativar, sempre, a parte do seu conhecimento prévio relevante no momento para o tema em questão, é preciso que ele saiba de que se fala naquele momento. O leitor precisa dirigir o foco da sua atenção sempre para o tema atual e, no caso de uma mudança de tema, precisa deslocar esse foco conforme as circunstâncias. (SCHNOTZ, 2009, p. 175-176).

O conceito de frame é muito discutido e há várias considerações sobre o tema. Aqui nos atemos apenas a uma mínima parte, porém considerada suficiente para o nosso objetivo neste artigo. Os conceitos de prototipicidade e de estereotipia são considerados aqui como abarcados pelo conceito de frame, sendo que o de estereótipos também abarcado pelo de protótipos e são de extrema relevância para nossos estudos. Koch explicita muito bem estes conceitos:

Os nomes, como rótulos, correspondem aos protótipos e contribuem para sua estabilização no fio dos processos discursivos. Primeiramente, correspon-

dem a unidades linguísticas discretas, que permitem uma descontextualização do protótipo segundo os paradigmas disponíveis na língua, garantindo assim sua invariância através dos contextos. Depois, porém, a nomeação do protótipo torna possível seu compartilhamento por inúmeros indivíduos através da comunicação linguística e faz dele um objeto socialmente distribuído, estabilizado no seio de um grupo de sujeitos.

É este protótipo partilhado, que evoluiu para a representação coletiva, que vai construir o estereótipo (KOCH, 2006, p. 56)

Uma categoria se torna estereótipo a partir de uma construção socialmente compartilhada; é o que van Dijk (1994, 1997, *apud* KOCH, 2006, p. 54) vai denominar de cognição social. Os sujeitos estabelecem em sua memória discursiva modelos mentais que se associam a certas categorias, e os acionam sempre que um referente assim o solicita, podendo confirmar o modelo ou readequá-lo de acordo com a atividade discursiva em que se vê como atuante.

A estereotipia permite que o interlocutor faça inferências no contexto tomando como base representações socialmente e culturalmente cristalizadas de modelos preconstruídos. São imagens que intermediam a relação do sujeito com a realidade para atribuir algumas características e não outras ao referente. Quando pensamos em mãe, insinua-nos algumas características socialmente compartilhadas, como afeto, cuidado, carinho, dedicação, renúncia, preocupação etc.

De volta a Koch (2006, p. 57), os sujeitos sociais mobilizam seus modelos de mundo, que não são estáticos e se (re)constróem tanto sincrônica como diacronicamente quando passa da língua ao discurso. Para que os encadeamentos discursivos sejam eficazes, é necessário invocar conhecimentos socialmente compartilhados e (re)construídos discursivamente.

#### **4. A música como gênero textual**

Seguindo as orientações de Roxo (2005, p. 185), apesar das diferentes abordagens teóricas a respeito dos gêneros, inclusive as diferentes designações – gêneros textuais ou gêneros discursivos –, todas tocam um ponto em comum: as teorias bakhtinianas.

Bakhtin adota a concepção de linguagem como interação entre indivíduos, que afetados pela língua, marcados pela ideologia e posicionados historicamente, realizam enunciados. Cada enunciado é particular e

individual, mas cada campo da comunicação elabora seus tipos “relativamente estáveis” de enunciados, os gêneros do discurso.

A música é um gênero multimodal no qual subjazem duas instâncias, a verbal e a musical, que devem sempre estar atreladas para que a letra da música não seja confundida com um poema.

A estrutura em versos e estrofes aproxima este gênero com a poesia, tendendo mais para o artístico, o que o permite uma liberdade de criação linguística: uso de figuras de linguagens, de repetição de estruturas sintáticas (paralelismos), liberdade sintática entre outros. A repetição da música leva o interlocutor a memorizá-la mesmo que apenas partes dela, o que faz deste gênero parte do cotidiano das pessoas.

Este tipo de texto gera uma instabilidade entre o oral e escrito, dado que, apesar de seu suporte ser majoritariamente oral, ela se materializa na escrita, seja quando o compositor a concebe, seja no encarte do cd, seja nos sites de música, enfim, em vários meios nos quais são divulgadas.

Em cima destes questionamentos, sentimos a necessidade de fazermos uma opção para que o trabalho de investigação não ultrapasse as normas deste gênero que estamos escrevendo, qual seja, o artigo científico. Portanto, para esta análise, optamos por considerar o gênero música estritamente como escrito.

### 5. *Mãos à obra – a análise*

Homem-Aranha	
Eu adoro andar no abismo Numa noite viril de perseguição Saltando entre os edifícios Vi você!	Chega de bandido pra prender De bala perdida pra deter Eu tenho uma ideia: Você na minha teia...
Em poder de um fugitivo Que cercado pela polícia Te fez refém Lá nos precipícios Foi paixão à primeira vista...	Chega de assalto pra impedir Seja em Brasília ou aqui Eu tive a grande ideia: Você na minha teia...
Me joguei de onde o céu arranha Te salvando com a minha teia Prazer! Me chamam de Homem-Aranha	Hoje eu estou nas suas mãos Nessa sua ingênua sedução Que me pegou na veia Eu tô na tua teia...

Seu herói! Hoje o herói aguenta o peso Das compras do mês No telhado, ajeitando A antena da tevê Acordado a noite inteira Pra ninar bebê...	(Jorge Vercilo)
---	-----------------

A construção do objeto de discurso é ativada pelo próprio título: Homem-Aranha, passando a preencher um nóculo na memória discursiva do interlocutor. Este objeto de discurso já vem carregado de significação pelo conhecimento compartilhado socialmente constituído e funciona como pista enunciativa que irá nortear a progressão referencial.

Ao nos depararmos com objeto de discurso Homem-Aranha, abre-se em nossa memória um frame de super-herói, ativando uma série de pressupostos: um ser forte, bom, arrojado, valente, destemido e que vai sempre salvar o mundo. E especificando ainda mais, é o Homem-Aranha, o super-herói que tem suas características próprias: subir em prédios, saltar de um edifício a outro, tecer teias instantaneamente e ser muito ágil.

A primeira retomada ao objeto de discurso é feita por anáfora usando o pronome “Eu”, que vai circunscrever as duas cadeias referenciais propostas pela música, quais sejam: a de super-herói e a de marido, como veremos no decorrer da análise.

Este objeto de discurso vai sendo categorizado como super-herói por meio de remissões (sujeito nulo – Ø) e da progressão temática com termos que remetem ao estereótipo socialmente construído deste super-herói “Homem-Aranha”: abismo, perseguição, edifícios. Estabelece-se, então, uma cadeia referencial. Mas há, ao final do último verso, a introdução de um novo objeto de discurso “*você*” que assume a posição focal e desativa temporariamente o objeto de discurso que se vinha construindo até aqui (1).

- (1) EU adoro andar no abismo  
    Numa noite viril de perseguição  
    Saltando entre os edifícios  
(Ø) Vi **você**!...

Seguindo o texto, o objeto de discurso “*você*” é apresentado em uma circunstância de perigo percebida pelas escolhas lexicais do locutor: fugitivo, polícia, refém, precipícios. Há a retomada do objeto de discurso “*você*”, por anáfora (pronome “*Te*”), mantendo-o em foco. Um novo objeto de discurso é introduzido, “*paixão*”, e será responsável pela instabi-

lidade da cadeia referencial de super-herói e o surgimento de uma nova cadeia referencial, a de marido.

- (2) Em poder de um fugitivo  
 Que cercado pela polícia  
**Te** fez refém  
 Lá nos precipícios  
 Foi **paixão** à primeira vista...  
**Me** joguei de onde o céu arranha  
**Te** salvando com a minha **teia**  
 Prazer!  
**Me** chamam de **Homem-Aranha**  
**Seu herói!**...

Ainda no fragmento (2), podemos perceber a reativação do objeto de discurso “Homem-Aranha” por meio de retomada na primeira linha através do pronome “Me”. Porquanto, já na frase seguinte há a retomada do referente “você” (pronome “Te”), o que nos remete a um interessante processo de progressão referencial que ocorre numa dinâmica muito ativa, em que ora o nódulo ativo é o objeto de discurso “Homem-Aranha”, ora o nódulo é o objeto de discurso “você”. Esta estratégia é típica de textos narrativos, e apesar de, a princípio parecer desestabilizar a progressão textual, corrobora para a construção de sentido pretendido pelo locutor.

Outro objeto de discurso relevante introduzido por anáfora associativa nesta parte do texto é “na minha *teia*” que compõe a cadeia referencial “Homem-Aranha”. Por anáfora, o objeto de discurso “Homem-Aranha” é recategorizado pela utilização do pronome possessivo e o hiperônimo: “*seu herói*”.

Aqui, é importante considerarmos que o objeto de discurso “*herói*” deve ser considerado discursivamente, ao que Koch & Marcuschi (1998) chamam de referente evolutivo, ou seja, este herói referido neste trecho da música, já não é mais o mesmo herói, o prototípico, mas um herói apaixonado, o “*seu herói*”.

- (3) **Hoje** o **herói** aguenta o peso  
 Das compras do mês  
 No telhado, ajeitando  
 A antena da tevê  
 Acordado a noite inteira  
 Pra ninar bebê...

A partir deste ponto (3), o dêitico marcador de tempo “*hoje*” assinala a mudança de status categorial do objeto de discurso “*Homem-*

Aranha”, já configurado como o “*seu herói*”. A retomada do objeto de discurso “*o herói*” é novamente recategorizado, pois este já não mais o mesmo herói apaixonado e salvador do mundo, como assinalado anteriormente, mas o *herói* sociocognitivamente reconstruído pela progressão referencial como um “*outro herói*, com as funções que um marido desempenha, desenvolvendo outra cadeia referencial. Isto é inferido pelo processo discursivo que ativa na memória do interlocutor um novo estereótipo, que passa a identificar características concernentes com o estereótipo de marido: quando se pensa em casamento, vêm à tona amor, casa, contas a pagar, filhos, responsabilidades etc.

As duas cadeias referenciais, a de herói e a de marido, passam a atuar em consonância e vão se relacionando por meio de comparação: “*o peso*” – “*das compras do mês*”, “*telhado*” – “*antena de tevê*”, “*noite inteira*” – “*bebê*”. Todo esse processo de construção de sentido só é possível pelo processo sociocognitivo interacional, em que há a colaboração dos parceiros e o compartilhamento dos conhecimentos de mundo e do contexto sociocultural.

(4) Chega de bandido pra prender  
De bala perdida pra deter  
**Eu** tenho **uma ideia**:  
**Você** na **minha teia**...

Chega de assalto pra impedir  
Seja em Brasília ou aqui  
**Eu** tive **a grande ideia**:  
**Você** na **minha teia**...

Na sequência textual (4), o objeto de discurso “*herói*” assume de vez sua nova condição recategorizada e propõe o abandono da posição de “herói salvador da sociedade” explicitada pela utilização do verbo de acontecimento “Chega”, que, mesmo não sendo considerado como um referente no processo de referenciação, não deixa de ser uma marca importante no contexto como uma espécie de ruptura da cadeia referencial de super-herói, que, ao ser associado aos novos referentes introduzidos: “*bandidos*”, “*bala*”, “*assalto*” vão servir como *continuum* nesta transposição da nova cadeia referencial que se configura, a de “marido”.

Há a retomada anafórica do objeto de discurso “*Eu*”; e inserção de um novo objeto de discurso por anáfora indireta “*uma ideia*”, que apesar de não ter um antecedente explícito, é ancorado pelo contexto sugerindo a relação amorosa. Esta se confirma pela remissão a dois outros referentes “*você*” e “*na minha teia*” e levam o interlocutor à progressão refe-

rencial sugerida pelo locutor. E logo adiante, quatro linhas depois, a AI é recategorizada com “*a grande ideia*”.

É importante nesta parte do texto uma pista enunciativa que vai remeter, ironicamente e por inferência, à situação de corrupção comum em nosso país. Para depreender o sentido, o interlocutor precisa relacionar o referente “*Brasília*” com o contexto político, reforçando mais uma vez a tese da referenciação como processo sociocognitivo interacional.

- (5) **Hoje eu** estou nas *suas mãos*  
 Nessa *sua ingênua sedução*  
 Que *me* pegou na veia  
*Eu* tô na *tua teia*...

O objeto de discurso “eu” é retomado e recategorizado não mais como um super-herói destemido e pronto para enfrentar os perigos, mas, e definitivamente, como uma pessoa comum. O dêitico temporal “Hoje” volta a aparecer nesta estrofe marcando a indubitável transposição discursivamente construída do objeto de discurso de super-herói a marido, com elementos da cadeia referencial que remetem a este estereótipo.

Os novos referentes introduzidos “*suas mãos*” e “*sua ingênua sedução*” são anáforas associativas por serem “ingredientes” do objeto de discurso “*você*”. Os pronomes “*me*” e “*eu*” retomam o objeto de discurso “*Homem-Aranha*” recategorizando-o como “preso” à teia; a importante observação aqui é que não é um processo de retomada do objeto de discurso “*teia*” introduzido anteriormente e demonstrado em (4), mas outra teia, a teia da amada, recategorizada pelo pronome possessivo tua: “*tua teia*”. Sugere-se, por inferência, uma inversão de papéis colocando a suposta esposa como detentora da situação, encurralando o “herói” e fazendo dele o refém da situação.

## 6. *O fim da história*

Toda essa “transformação” do herói transcrita na letra da música só pode ser percebida pelo interlocutor através da inferência e de um processo sociocognitivo. O sentido só pode ser concebido pela interação e mobilização de conhecimentos através dos quais os parceiros da interlocução compreendem as pistas enunciativas e ativam em suas memórias os estereótipos em que se enquadram os objetos de discurso e seus atributos.

A música Homem-Aranha trabalha muito bem o entrelaçamento de duas cadeias referenciais que são construídas durante o processo discursivo. A primeira cadeia referencial, a de super-herói salvador da sociedade, é bem demarcada na primeira estrofe e, no decorrer do texto, vai se recategorizando fazendo emergir uma nova cadeia referencial, a de marido.

É muito interessante como o objeto de discurso “Homem-Aranha”, introduzido no começo da música, vai evoluindo na tessitura textual e se modificando, comprovando a teoria de Koch & Marcuschi (1998) de referente evolutivo. Até mesmo ao usar o mesmo item lexical “herói”, por exemplo, ele nunca é o mesmo citado anteriormente, porquanto passou por modificações no desenrolar do texto. A palavra teia também muda de categoria, primeiro são as teias do Homem-Aranha, e finaliza com ele preso à teia da “amada”.

Todo esse processo permitiu uma progressão textual coesa e coerente, em que o interlocutor precisa utilizar de seu conhecimento de mundo, de sua cultura adquirida, dos estereótipos cristalizados em sua memória discursiva, remetendo-se do cotexto para o contexto e do contexto para o cotexto, em um dinâmico processo de interpretação por associação das predicções.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCH, I.V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap022.pdf>>. Acesso em: 20-06-2014.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. Campinas: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, vol. 14, n. especial, p.169-190, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000300012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 08-07-2014.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 48, n, 1, p. 7-22, 2006.

\_\_\_\_\_. Atividade de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: \_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 61-81.

SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, vol. 3, n. 1, p. 61-79, 1993. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>>. Acesso em: 20-06-2014.

MORATO, E. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, vol. 4, p. 93-113. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo4.pdf>>. Acesso em: 05-07-2014.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 1993.

VANDA, E. Referenciação e orientação argumentativa em artigos de opinião. In: \_\_\_\_\_. *Textualidade e discursividade na linguística e na literatura*. São Paulo: Mackenzie, 2010, p. 49-63.

VERCILO, J. Homem-Aranha. Disponível em: <<http://musica.com.br/artistas/jorge-vercillo/m/homem-aranha/letra.html>>. Acesso em: 10-06-2014.